

**DRUMMOND**  
**ROTEIRO PARA UM ESPETÁCULO EM NOVE CENAS**

**DRUMMOND**  
**SCREENPLAY FOR A PLAY IN NINE SCENES**

**Marco Antônio de Menezes**

Marco Antônio de Menezes

Nascido em Minas Gerais em 1941, foi jornalista, escritor e diretor de teatro. Faleceu tragicamente em 1992.

Marco Antônio de Menezes

Born in Minas Gerais in 1941, he was a journalist, writer and theater director. He died tragically in 1992.



## DRUMMOND ROTEIRO PARA UM ESPETÁCULO EM NOVE CENAS

Marco Antonio de Menezes

São Paulo, abril/junho-77

*Dedico este roteiro a Carlos Alberto Diniz Silva e Milton Ferraz Costa*

*Epígrafes do roteiro:*

*Poetas de Minas Gerais  
e bardos do Alto-Araguaia,  
vagos cantores tupis,  
recolhei meu pobre acervo,  
alongai meu sentimento.  
O que eu escrevi não conta.  
O que desejei é tudo.  
Retomai minhas palavras,  
meus bens, minha inquietação,  
fazei o canto ardoroso,  
cheio de antigo mistério  
mas límpido e resplendente.  
(OC, p.194)*

*Estes poetas são meus. De todo o orgulho,  
De toda a precisão se incorporaram  
Ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinicius  
Sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo.  
Que Neruda me dê sua gravata  
Chamejante. Me perco em Apollinaire.  
Adeus, Maiakóvski.  
(OC, p.137)*

*SERIA REMORSO  
Por me consagrar ao espetáculo quando  
já o sabia morto? Não, que o espetáculo é grande, e  
seduzia para além da ordem moral.  
(OC, p.283)*

*Em lugar de escritor,  
na confusão da ideia e do vocabulário,  
sou apenas constante e humilhado leitor.  
(MA, p.128)*

*Ninguém ouse  
Indevida cópia de outra vida.  
(MA, p.98)*

## OBSERVAÇÃO INICIAL:

O roteiro a seguir é um texto destinado à encenação. Todas as características do espetáculo (rubricas, som, luz etc.) foram inspiradas por versos de Carlos Drummond de Andrade, como são versos seus todas as falas (com exceção de pequeno trecho sobre o acaso, retirado da Fábula de Anfion de João Cabral de Melo Neto).

Portanto, este roteiro deve ser usado apenas para objetivos de ensaio. Pode exigir cortes e/ou simplificações.

Como fonte de referência, será preciso consultar o roteiro integral<sup>1</sup>, em que estão todas as referências, explicitadas.

Assim como o roteiro foi elaborado a partir do mundo poético escrito de CDA, recomenda-se que a encenação procure nos versos do poeta a solução de suas dúvidas.

Este roteiro é dedicado ao 75º aniversário de CDA.

M. A. M.

---

1 N.do E. Não tivemos acesso ao referido roteiro original. Reproduzimos a cópia recebida das mãos de Silvano Santiago, contemporâneo e amigo do escritor. Pela lógica e pela data, deduzimos que a sigla OC se refere à Obra Completa, publicada pela Aguilar em 1973, à qual seguiu-se o n. da página; a sigla MA seria para Menino Antigo, publicado em Boitempo II, 1973.

## **CENÁRIO**

Cada uma das nove cenas contém suas indicações de cenário. No todo, a área de representação deve aparecer como um labirinto (horizontal em teatro de arena, preferível; vertical, em palco italiano).

As paredes do labirinto podem ser (pela ordem de preferência) de vidro sem reflexo, tela de arame, madeira. O labirinto, como um todo, pode ser cercado por um bordão vermelho, como o usado em museus.

## **ATOR**

É importante que não se considere um alter ego do poeta. A linha de interpretação pode ser encontrada na pesquisa dos problemas comuns à arte de fazer poesia e à arte de representar.

Maquilagem e trajés indicados em cada cena.

## **SOM E LUZ**

Conforme indicações. Caixas de som são capazes de deslocar a origem da voz do ator para duas regiões opostas da plateia, juntas ou separadas.

Até o início da ação propriamente dita, a plateia é ofuscada por oito refletores fortes.

Na medida do possível, a iluminação deve iluminar apenas cada área de cada cena, preservando a surpresa dos cenários ulteriores.

## **OBSERVAÇÃO**

O autor do roteiro está à disposição para qualquer esclarecimentos que se façam necessários.

## **PRIMEIRO ATO**

### **PRIMEIRA CENA**

#### **CENÁRIO E ATOR**

Compartimento do labirinto a apenas um nível de barreira da plateia. Ao ser visto pela primeira vez, o corpo do ator estará coberto por um cobertor vermelho vivo. Rosto visível: bigode postiço, barba postiça, óculos. Teias de aranha, óbvias, entre o ator e o cenário. Ele está empoleirado numa gangorra-quase-andaime. Calça sobre o chão de madeira encerada brilhante. Cartaz colorido de filme americano.

#### **AÇÃO**

*Black-out* da plateia e do palco. Passos subindo escada. Silêncio. Sinos tocam fino, longe.

#### **SOM EM CAIXA**

(Com sinos) *Lá embaixo suspiram bocas machucadas, e a carne penetra a carne.*

#### **SONOPLASTIA**

Um silvo breve, começa respiração ofegante, de sexo. Dois silvos breves: pára a respiração. Um silvo longo: mesma respiração, mais lenta. Um silvo breve: choro infantil.

#### **LUZ**

Aberta na área da cena, de uma vez, meia resistência. O ator está na gangorra/andaime, olhos fechados, braço e mão direita cobrindo orelhas.

## ATOR

(Sem gesto, com banana) *Hoje sou moço moderno, remo pulo danço boxo [boxeio] tenho dinheiro no banco. (Pausa) A poesia deste momento inunda minha vida inteira.*

## SONOPLASTIA E LUZ

Risadinha junto com sinos, sinos crescem, riso vira gargalhada, faíscas como de solda, de foguetes, tempo muito forte.

## ATOR

(Grito, com gesto que o liberta do cobertor, revela andrajos, um instante desequilíbrio sobre o 'Poleiro', queda, de braços sobre o chão) *Eu também já fui poeta!*

## SONOPLASTIA E LUZ

Silêncio, branco violento sobre o ator.

## VOZ EM CAIXA

(Ordem violenta)

*Quem não subir direito toma vaia!*

## ATOR

(Ainda de braços no chão)

*Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta? (Procura banana, tateando) Ladrão eu sou, mas não sou ruim não. (Acha, vai reassumindo pose do início com cobertor) Não se deve xingar a vida. (Sobe no poleiro) E não contar a ninguém que esta vida não presta. (Enfia banana de volta na boca) A gente vive, depois esquece. (Sirene chegando de longe, expectativa, passa, some). (Ator salta ágil do poleiro, toma seu tom) Passou a boa! Peça a palavra! (Para a plateia) Meus amigos estão satisfeitos com a vida dos outros? (Imóvel, sapos coaxam, baixinho, crescendo; olhos do ator perdem brilho, baixam. Voz quase inaudível) Se os olhos reaprendessem a chorar, seria um segundo*

*dilúvio. (Tentando recuperar-se, quase conseguindo) Nem é bom pensar nessas coisas mortas, muito mortas. (Recupera-se, graças a um tom óbvio de técnica de atuar. Sapos fundem para gramofone rouco tocando black-bottom 1930). Depressa, que o amor não pode esperar! (Crescendo) Mundo mundo vasto mundo, mais vasto é meu coração. A cidade sou eu, a cidade sou eu, sou eu a cidade, meu amor!*

*(Luz baixando, perceptivelmente, som idem. Voz quase delírio) Na chuva de cores da tarde que explode a lagoa brilha a lagoa se pinta de todas as cores (luz chega a escuro quase total, silêncio. Ator continuando) um novo, claro Brasil surge indeciso da pólvora!*

## SONOPLASTIA

Tambores, clarins, pausa, *off*.

## LUZ

Alta, azul de metileno, sobre ator.

## ATOR

*(Cantarola primeiro verso, depois fala)*

*Eu também já fui brasileiro, moreno como vocês. Meu pai montava a cavalo, ia para o campo. Minha mãe ficava sentada cosendo. Meu irmão pequeno dormia. E aprendi na mesa dos bares que o nacionalismo é uma virtude. (Pausa, range a gangorra/andaime/poleiro). (Ator vai se ajeitando sentado sobre chão, reunindo seus pertences) E meus amigos me queriam, meus inimigos me odiavam. (Flash fotográfico único sobre ele, vindo de frente) Quem me fez assim (flash) foi minha gente (flash) e minha terra. (A partir daqui, ele será vítima de uma tempestade cada vez mais intensa de flashes, enquanto bandinha do interior, desafinada, entra e sobre até a fala final "coisa"). Há dias em que ando na rua de olhos baixos para que ninguém desconfie, ninguém perceba. Tristeza de guardar um segredo que todos sabem. Livre, sem correntes muito livre, infinitamente livre livre livre que nem uma besta, que nem uma coisa (imóvel, tempo sob flashes de todos os lados, silêncio, bandinha silenciando instrumento por instrumento, pausa).*

## **SONOPLASTIA**

Chopin mal tocado, só piano.

## **LUZ**

O último flash permanece, vai sendo suavizado, muito suave.

## **ATOR**

*A noite caiu na minha alma, porém meus olhos não perguntam nada. Nenhum problema nesta vida. O mundo parou de repente. Os homens ficaram calados.*

## **LUZ**

Desligada no palco vai subindo na plateia.

## **SOM**

Canta um galo, longe.

## **ATOR**

(Sussurra)

*Se eu tivesse cinco mil pernas, fugia com todas elas.*

## **VOZ NA CAIXA**

*O inimigo resistia sempre, e foi preciso cortar a água.*

(Galo)

## **ATOR**

*E as águas ficaram tintas de um sangue que não descorava e os peixes todos morreram. Mas uma luz que ninguém soube dizer de onde tinha vindo (plateia mais iluminada) apareceu para clarear o mundo (Pausa, passos na escada)*

## SOM

TV ligada, muito alto. Tempo, *off*

## FIM DA PRIMEIRA CENA

(No intervalo, plateia sob mesma luz ofuscante do início)

## SEGUNDA CENA

### CENÁRIO E ATOR

Compartimento do 'labirinto' em posição equivalente à esquerda baixa de palco italiano. Lençol branco brilhante, 'condecorado' com medalhas, sobre cama que, descoberta, será laje de pedra cinza-clara. Pernas femininas (de manequins) saem de rendas coloridas (azul e vermelho, apenas). No chão, sempre de tábuas enceradas brilhantes, penas coloridas, serpentinas, máscaras, um mapa meio aberto.

O ator, a princípio, aparece como uma de duas formas humanas sob lençol.

### AÇÃO

*Black-out* na plateia, e continuando, no palco.

### ATOR

*Já não há fantasmas no dia claro* (flash, assovio, bomba). *A guerra terminou ontem.* (flash, a., b.) *Mas ainda há batalhas dentro do peito que estão reclamando heróis* (flash, a., b.) *Certos ácidos adoçam a boca murcha dos velhos* (flash, a., b.) *E quando os dentes não mordem, e quando os braços não prendem, o amor faz uma cócega, propõe uma geometria.*

(Fim dos flashes, assovios, bombas).

## LUZ E SOM

Imediatamente na palavra 'geometria' luz nele. Samba, telefones tocando simultaneamente por toda a cena.

## VOZ CAIXA

*Subiu nas asas da fama, teve dinheiro, mulher, escravo, comida farta.*

## ATOR

(Sob lençol, deitado de costas, começa movimento de mãos em auto-erotismo, que irá em crescendo até 'desejo de amar'). *Amor é bicho instruído.* (Campanha eclesiástica) *Compraremos professores e livros* (campanha mais forte) *Assimilaremos finas culturas* (campanha mais forte) *Alemãs gordas, russas, nostálgicas* (campanha mais forte) *Sírias fidelíssimas de nádegas róseas* (campanha mais forte) *Francesas muito louras, de pele macia* (campanha mais forte, vai entrando também pandeiro) e *o corpo que tem dois seios* (campanha, pandeiro, crescendo, e entrando também pulsação de coração) *todos os nossos pecados* (campanha, pandeiro, crescendo, e entrando também pulsação de coração) *as nossas luxúrias todas* (idem, ator acelerando cada vez mais) e *esse tropel de desejos* (idem) *uma namorada em cada município* (idem) *saberei multiplicar-me* (idem) e *em cada praia tereis* (idem) *dois, três, quatro, sete corpos* (idem) *serei cipó, lagarto, cobra* (idem) *veneno, corda, cadáver* (idem) *quatro pernas, quatro braços* (idem) *duas cinturas e um* (idem) *só desejo de amar!* (Imediatamente lençol se tinge de vermelho na altura do sexo do ator. Silêncio. Respiração dele. Luz baixa imperceptivelmente, em resistência. *Black-out* na entrada do tiroteio).

## SOM

Torneira pingando água, a princípio longe, crescendo até parecer estrondo.

## ATOR

(Fazendo movimento com lençol que terminará com seu corpo descoberto, smoking branco com mancha vermelha, sutiã roxo sobre o smoking: o movimento revela também

que o corpo feminino era todo ele um manequim) *Vejo corpos, vejo almas, vejo beijos que se beijam, ouço mãos que se conversam, e que viajam sem mapa. Vejo muitas outras coisas, que não ousou compreender. Dançai, meus irmãos* (pode deixar a cama). *Embora sem música, dançai, meus irmãos! As virgens passam implorando. Como é maravilhoso o amor, o amor e outros produtos. As amadas torcem-se de gozo. Dançai, meus irmãos!* (Com tiroteio) *Oh! Sejamos pornográficos (docemente pornográficos). Por que seremos mais castos que o nosso avô português? Propõe isso a teu vizinho, ao condutor do teu bonde, a todas as criaturas que são inúteis e existem. Dize a todos: meus irmãos, não quereis ser pornográficos?*

## LUZ

Sobre ele, lâmpada única na ponta de fio balançando. Ele tira o sutiã, tenta ajeitar a roupa, limpar-se, com tic-tac de relógio e zumbido de mosquitos.

## ATOR

*Não me arrependo do pecado triste que sujou minha carne, toda a carne. A poesia é incomunicável. Fique torto no seu canto. Não ame. Ouço dizer que há tiroteio ao alcance do nosso corpo. É a revolução? O amor? Não diga nada. Inútil você resistir ou mesmo suicidar-se. Suponha que um anjo de fogo varresse a face da terra e os homens sacrificados pedissem perdão. Não peça. De novo a estrela brilhará* (vai se enfiando novamente sob o lençol) *mostrando o perdido caminho, da perdida inocência. E eu irei, pequenino, irei luminoso conversando com anjos que ninguém conversa.* (Lâmpada suspensa se extingue, enquanto sobem refletores da plateia, e das caixas de som sai um sopro forte).

## FIM DA SEGUNDA CENA

## TERCEIRA CENA

### CENÁRIO E ATOR

Distante dos dois anteriores. Fazer a troca rapidamente, em menos tempo de que o que seria natural, do ponto de vista da plateia. É um compartimento do labirinto cujas quatro paredes podem parecer espelhos, conforme a iluminação. Em cada uma das três vezes que o ator aparece, uma de três paredes o espelha. No movimento final do ator, ele parece estar mudando sua posição para surgir como surgiria, pela lógica das três primeiras aparições, no quarto lado. Mas ele só se move naquela instância. Cão de areia, altura variável, em todo o compartimento. Pode aparecer pequena parte do chão de madeira. Ator de sobrecasaca, chapéu-coco, traje bem Minas 1890, sentado sobre pernas cruzadas à ioga, com venda vermelha sobre olhos. Velhas luvas brancas, muito bem lavadas.

### AÇÃO

*Black-out* na plateia soma-se ao do palco. Total, inclusive das lâmpadas indicadoras do teatro.

(Repetir este *black-out* sempre que for pedido B.O. total)

### SOM

Menino chorando, crescendo, até silêncio total da plateia, ou durante dois tempos longos, caso a plateia faça silêncio rápido demais.

### VOZ GRAVADA

*Esse é um homem comum. Apenas mais escuro que os outros.* (Luz começa a subir no ator, mas só o tornará distinguível numa rápida subida final, na deixa "companheiro"). *Teria vergonha de chamá-lo meu irmão.* (Voz passa para o outro lado da plateia; repetir

a passagem durante esta cena). *Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca.* (Outro lado) *A noite espalhou o medo e a total incompreensão* (Outro lado) *Na noite lenta e morta, (entusiasmando-se) morta noite sem ruído, existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro!*

## **SOM E LUZ**

Choro cessa sob cantiga de ninar à capela em voz estridente, luz torna ator visível, deixando cair areia das mãos em concha para o chão. Perfil para espelho 1.

## **VOZ GRAVADA**

(Continuando)

*Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram. Mas a areia é quente, o suor é um óleo suave, um óleo suave que eles passam nas costas, e esquecem.*

## **LUZ**

(Imediatamente *off* do ator, on na gangorra da primeira cena, que está oscilando, oscila um tempo no silêncio).

## **VOZ GRAVADA**

(Continuando)

O grito mais alto ainda é um suspiro, os oceanos calaram-se há muito.

## **LUZ E SOM**

Luz *off* na gangorra, cessa seu ruído instantaneamente. Rajada de balas. Luz no ator, perfil para espelho 3.

## **VOZ GRAVADA**

(Continuando, após rajada silenciar)

*Chegou um tempo em que não adianta morrer.*

## LUZ E SOM

Luz *off* no ator, *on* no lençol branco da segunda cena, cujo espaço está agora limpo e arrumado, embora com todos os adereços da cena em que foi usado. Soa, uma única vez, a campainha que marcou a cena do auto-erotismo.

## VOZ GRAVADA

*Tempo em que não se diz mais: meu amor. Porque o amor resultou inútil.*

## LUZ E SOM

Luz *off* na área do lençol, *on* no ator, que estende as mãos à frente procurando contato. Costas para espelho 2.

## VOZ GRAVADA

(Reiterando, mais forte)

*Porque o amor resultou inútil.*

## LUZ E SOM

*Off* no ator, *on* no lençol. Campainha. *Off* no lençol, *on* no ator. Agora ele voltou à atividade de deixar cair areia das mãos para o chão.

## ATOR

(Após pausa, talvez pigarro)

*Humildemente vos peço que me perdoeis.*

## SOM

Começa Bolero de Ravel, em surdina, crescerá bem lento.

## ATOR

(Continuando)

*Eu nunca fui deste mundo. (Cabeça cai para trás) Se beijava, minha boca dizia de outros planetas, (cabeça gira) em que os amantes se queimam num fogo casto (cabeça encara a plateia) e se tornam estrelas, sem ironia. (Pausa. Cabeça cai para frente, outro tom) Mas eu sei que é proibido (Pausa. Lentamente) Vós sois carne (pausa, movimento para espelho 4) Eu sou vapor.*

## **LUZ E SOM**

Acorde violento do bolero, *off*. Pausa. Vai voltando, longe, o choro infantil. Luz *off* ator, b-o total).

## **VOZ GRAVADA**

*O poeta permanece o mesmo, embora alguma coisa de extraordinário se houvesse passado (outro lado, continuando) alguma coisa encoberta de nós, que nem os olhos traíram nem as mãos apalparam. (Outro lado) O poeta permaneceu o mesmo. Em vão assassinaram a poesia nos livros.*

## **LUZ E SOM**

*On* no lugar onde estava o ator, apenas um ramo de flores amarelas sobre a areia, refletidos pelo espelho 4.

## **ATOR**

(Voz não gravada, porém vinda do escuro do palco)

*Os sobreviventes estão aqui.*

## **LUZ E SOM**

Na palavra 'aqui' luz abre na plateia, som entra em violento tango argentino tradicional, que desce e termina em poucos acordes.

## **FIM TERCEIRA CENA**

## QUARTA CENA

### CENÁRIO E ATOR

O ator fará uma caminhada durante a cena, mas seu ponto de partida é um compartimento do labirinto. Chão com serragem, adereços circenses, cadeira, chicote, pequenas lâmpadas emoldurando espelho (inexistente), roupas, produtos de maquiagem etc. Ator de capa, gênero mestre de cerimônias, circense, roupa também meio mágico, cartola. Caso conheça mágica e saiba fazê-las bem, o ator poderá usá-las, combinando com o encenador.

### AÇÃO

*Black-out* total. Tambores circenses anunciando suspense. Final. Luz no ator. Está segurando uma cadeira, difícil de manter na horizontal. A bateria poderá marcar o ritmo das ações, caretas, etc. Durante a cena, o ator deverá trocar o traje com que aparece pelo que usará na cena seguinte, como também a maquiagem.

### ATOR

*Sinto que o drama* (deixa cadeira pender verticalmente pela força da gravidade) *já não interessa* (cadeira oscila, ator olha para ela). *Quem ama, quem luta*, (cadeira no chão) *quem bebe veneno?* (Senta-se, cadeira puxada de debaixo dele cai no chão, sentado) *Quem chora no escuro* (cambalhota, de pé) *quem se diverte?* (Retira cachorro de pano da cartola; olhando para ele) *Todos os mortos presentes!* (Com gesto para plateia). (Fala seguinte marcada por mímica gênero pantomima) *Cão morto* (atira-o sobre ombro), *passarinho morto* (duas mãos sobre sexo, *plié*, abertura do gesto) *roseira morta* (acelera falas e mímicas) *laranjeiras mortas* (mímica rosto) *ar morto, enseada morta, esperança, paciência, olhos, sono* (com mão que ia tirar coisa da cartola ficando lá, frouxa) *mover de mão: mortos. Homem morto* (cai reto de costas) *luzes acesas* (luzes pegam seu corpo no chão, ergue-se, começa trabalho de maquiagem). *Trabalha à noite, como se fora vivo.* (Maquiagem) *Sabe imitar fome* (maquiagem) *e como finge amor. E como insiste em andar* (pausa, anda, para) *e como anda bem* (cai de

O Percevejo Online | V. 9, n. 1 | p. 128-169 | jan. / jun. 2017

joelhos, diante das flores amarelas da cena anterior. Outro tom do ator). *Era bom amar, desamar, morder, uivar, desesperar, era bom mentir e sofrer* (começa a tirar roupa, acompanhando fala) *verdes solidões, merencórios prantos, queixumes de outrora, tudo passa rápido.* (Anunciando) *O mercado de desejos expõe seus tristes tesouros* (Réverence irônica segurando lados das calças, elas se soltam em suas mãos). *Ah, o corpo!* (Vestindo-se). *Meu corpo, que será do corpo, meu único corpo* (único refletor vertical, ele se enfia numa malha de corpo inteiro, clara) *aquele que eu fiz de leite, de ar, de água, de carne, que eu vesti de negro, de branco, de bege, cobri com chapéu* (emerge o rosto), *calcei com borracha* (já é quase dança) *cerquei de defesas, embalei, tratei?* (Luz abre sobre a área) *Meu coitado corpo, tão desamparado, entre nuvens, ventos, neste aéreo living?* (Durante a fala seguinte, luz reduz-se a close de seu rosto) *Se há noite ou sol, é indiferente. A escuridão rompe com o dia* (luz só da moldura de lâmpadas, onde ele 'treina'). *Tenho tanta palavra meiga, conheço vozes de bicho, sei os beijos mais violentos, viajei, briguei, aprendi.* (Pausa. Através do "espelho", olha para a plateia) *Tão claro entre vós* (pausa) *beijar-vos...* (Pausa. Olhando para a plateia) *Os mortos olham e calam-se.* (Longo silêncio, até haver algum ruído nítido da plateia)

## ATOR

(Sentando-se)

Estou cercado de olhos, de mãos, afetos, procuras. Estarei mesmo sozinho? (Gira na cadeira) *Ainda há pouco, um ruído anunciou vida a meu lado!* (Ergue-se muito 'comediante', forçando pança) *Certo, não é vida humana. Mas é vida.*

## SOM E LUZ

*Off* luz no ator, *on* em uma pessoa da plateia, aleatória. Bate uma porta. Um tempo. Luz no ator

## ATOR

(Sentado no chão, acariciando chicote, mas sem má intenção; examina-o pelo tato)

*Vi mágoa, incompreensão, e mais de uma velha revolta a dividir-nos no escuro. Senti que me perdoava. Porém nada dizia.*

## **SOM E LUZ**

*Off no ator, apenas no espectador. Bate uma porta. Off no espectador. Luz no ator, ainda sentado, desfolhando flores amarelas.*

## **ATOR**

*Lutar com palavras (desfolha) parece sem fruto (desfolha) não tem carne e sangue (desfolha) entretanto, luto! (Erguendo-se, vendo cena imaginária) Não me julgo louco. (Procura no espaço a sua visão, com o olhar) Se o fosse teria poder de encantá-las (se for possível o truque perfeito, fazer essa palavra 'encantá-las' soar da boca do ator e de todas as caixas de som, como eco). Mas lúcido e frio apareço (trejeito de arlequim) e tento apanhar algumas (trejeito dando costas à plateia) para meu sustento.*

## **LUZ E SOM**

*Luz off no ator. Galope. Tempo. Galope vai sumindo. Luz vai voltando ao ator, em 'résteas filtradas'. Só suas duas mãos acabam iluminadas.*

## **ATOR**

*Sozinho no escuro, guardarei sigilo de nosso comércio. (Volta palmas das mãos para cima) Todas as hipóteses: (gesto estendido) a graça, a eternidade, (fecha punhos) o amor...*

## **LUZ E SOM**

*Luz nele todo. Volta música circense.*

## **ATOR**

*(Mãos pensas)*

*O drama já não interessa. (Corpo sob apenas a luz 'filtrada', dentro da qual cairão a plumas a seguir) A palavra encanto recolhe-se ao livro (senta-se diante de par de botas na posição chapliniana) entre mil palavras, inertes, à espera. (Um tempo. Uma pluma dourada cai, dentro do foco de luz, que se vai fechando enquanto entra, muito de leve, De Profundis, fundindo com sino, e passando para 'Se essa rua, se essa rua fosse minha', longe, cada vez mais longe, enquanto caem a pluma e a luz). (Luz na plateia).*

## FIM DA QUARTA CENA

## QUINTA CENA

### CENÁRIO E ATOR

Compartimento da plateia ou distante desta o bastante para permitir a iluminação indicada. (Principalmente, o momento exato em que os manequins se tornam visíveis). Objetos perfeitamente limpos (embora em estágios diferentes de finalização, como uma cadeira com uma perna ainda por tornejar, porém nova), sobre chão de lama. De bruços, na lama, o ator (manequim). Poltrona, abajur, livros talvez, um fardão acadêmico interminado, em manequim de costureira (por exemplo, apenas uma manga absolutamente terminada, resto ainda muito no princípio). Rádio boiando, limpo. Bilhete de avião, visível. Um elefante de pano, iniciado (?) Se possível, buracos na parede, sangrando azul. Vestido durante a cena anterior.<sup>2</sup>Macacão operário (a 'malha' clara que foi citada), gênero Carlitos, sobre terno cinza listrado comum, completo e limpo. Maquilagem: velho querendo parecer mais jovem. O ator carrega dois manequins de si mesmo, visíveis na hora apropriada. Um deles, calvo, vestido à moda de 1890. Outro, de peruca, camisa florida, short grande, praieiro. Suporte oscilante, mas sustentado. Vacilação como de santos em andor. Na ação, ator solteirão meticuloso, dentro das devidas limitações de sua carga. Antes da primeira luz sobre ele, tem capa preta cobrindo próprio corpo. Ela cai na primeira luz, revelando-o claro. Muita luz na abertura, muita luz.

<sup>2</sup> N.E. Está assim no original. Deve referir a uma sobreposição de peças de vestuário.

## AÇÃO

B.O. plateia. Sobem, suave, vento e chuva. Close rosto do ator, ainda não é a luz para cair a capa. Rosto típico de mártir, 'Nazareno'. Calor de luz de velas. O ator está sentado em poltrona giratória fora do estilo design.

## ATOR

(Abrindo, inflexão idêntica à primeira cena, mesma fala)

*Lá embaixo suspiram bocas... (para, percebe erro, sem mover rosto, à parte) Então não era segredo? (Retoma tom de abertura) Que pode um homem (relógio) ao alvorecer (relógio acelera e sobe = ras) gosto de derrota (ras) na boca e no ar (ras) ou a qualquer momento (ras) em qualquer país? (Silêncio, luz no corpo dele todo, mas manequins invisíveis ainda, silêncio. Ator oscila sob peso) Posso, sem armas, revoltar-me? (Luz mantém intensidade, mas passa a vir diretamente sobre ele, ofuscante) Crimes da Terra (gira com cadeira, muito dramático) Como perdôá-los? (Sussurro) Façam completo silêncio (alto) paralisem os negócios (grito) garanto que uma flor nasceu! (Ergue-se).*

## LUZ

Explode em branco, vê-se ele e sua carga. Oscilam para recuperar o equilíbrio perdido ao erguer-se

## ATOR

*Mas ainda é tempo de viver e contar (tenta chegar a uma postura estável, enquanto atinge quase a demagogia). O último dia do tempo não é o último dia de tudo. (De frente para a plateia) As coisas estão limpas, ordenadas (estende corpo, e ele e os manequins vão tentar subir, esticar a estatura, até a palavra 'amor'). A boca está entupida de vida. (Apegando-se aos manequins) Ainda bem que a noite baixou. É mais simples conversar à noite (pausa). A lua (meia pausa) fica sendo nosso esquema de um território mais justo. Portanto, é possível distribuir minha solidão. (Pausa longa) Torná-la meio de conhecimento (Pausa. Quase gritou) Portanto, solidão é palavra de amor.*

## SOM E LUZ

Imediatamente, Deutschland Ueber Alles, sem palavras. Um tempo. Luz apenas nos dois manequins, oscilando. Silêncio. Uiva um lobo.

## ATOR

(Over-act)

*Ele viaja sempre, esse navio! Essa rosa, esse canto, essa palavra!* (Uiva o lobo, um tempo, luz off nos manequins, on na cadeira vazia).

## LUZ

Na fala seguinte do ator, um refletor móvel viajará pelo cenário, pelo ator e pela plateia, conforme as indicações de movimento e ritmo. Este refletor poderá 'visitar' a gangorra, a cama, os espelhos e o circo, e áreas vizinhas. Pode ser substituído por slides dessas áreas, em aproximações fotográficas cada vez maiores, gênero aula de anatomia.

## ATOR

(Interpretação muito lógica, de espectador, explicador)

*Certamente, faltam muitas explicações.* (Luz, do chão, anda) *Seria difícil compreender* (luz passa pela cama, continua para espelhos, ator não dá pausas, segue na lógica da frase) *por que um gesto se abriu* (luz passa pela gangorra) *outro se frustrou* (luz passa por ele, avança, volta, para) *são duas horas de anestesia, ouçamos um pouco de música* (luz reinicia trajeto imediatamente em cima da palavra 'música', que dá deixa também para dois acordes ou três de Chopin) *visitemos no escuro as imagens* (luz chega à plateia, onde passeia até 'iguais', quando deverá chegar de volta ao ator). *Cada objeto do sótão, quanto mais obscuros, mais falam.* (Além da luz ambulante, pequeno iluminar-se da laje que foi cama). *A confusão é nossa, que esquecemos o que há de água* (pequena parada da luz = ppdl) *de sopro e de inocência* (ppdl) *no fundo de cada um de nós* (ppdl) *terrestres.* (Luz continua, pela plateia). *E cada instante é diferente, e cada homem é diferente, e somos todos iguais.* (Luz pega ator). (Pausa) *As leis não bastam. Os lírios não nascem da lei.* (Luz abre sobre ele, revelando-o com seus dois

manequins). *Que fazer, exausto, em país bloqueado?* (Outro tom, aos poucos) *Enlace de noite, raiz e mistério?* (Durante um tempo, pianola). *A fuga do real!* (Luz abandona, corre, acelera, com tic-tac também acelerando). *Ainda mais longe, a fuga, a fuga de si mesmo, a fuga da fuga, a perda voluntária de amor e memória.* (Luz para na plateia, e como que comanda a interrupção do ator). *Em verdade temos medo.* (Longa pausa. Luz off plateia, on no ator). *Somos o cristal* (gira), *o mito* (gira), *a estrela* (gira, cabeça para o zênite). *E fomos educados para o medo.* (Luz off ator, on gangorra). *Em nós o mundo recomeça.* (Luz off gangorra, on 'camarim/circo'). *Cheiramos flores de medo,* (luz off camarim, on 'cama') *vestimos panos de medo. As contradições beijam-se a boca.* (Luz off 'cama', on nele, dissimulado atrás de seus dois manequins, que desceram dos ombros) *O medo, com sua capa, nos dissimula e nos berça.* (Sirene entra, vai crescer, sem mudar de tom, portanto não é sirene de carro em movimento, ator mergulha até o regozijo). *Vem, harmonia do medo! Vem, ó terror das estradas. Faremos casas de medo, duros tijolos de medo, medrosos caules, repuxos, ruas só de medo e calma!* (Abre os manequins, olha a plateia). *Nossos filhos, tão felizes, fiéis herdeiros do medo, eles povoam a cidade. Depois da cidade* (fecha manequins) *o mundo. Depois do mundo* (black-out total) *as estrelas!*

## LUZ E SOM

Sirene off. Longa pausa.

Som de mecanismo retomando a marcha, metálico e progressivo, mas não de locomotiva. Luz sobe sobre o ator, surpreende-o já no meio da primeira ação indicada abaixo.

## ATOR

(Recolocando manequim sobre ombro)

*As coisas talvez melhorem.* (Gesto) *E que adianta uma lâmpada? E que adianta uma voz?* (Gesto) *É noite no meu amigo.* (Ombro se ajeita à carga) *É noite na roça grande.* (Ombro) *É noite.* (Olhar à frente, já com os dois no ombro) *Não é morte, é noite.* (Olhar se perde no horizonte) *De sono espesso e sem praia.* (Nesta última fala, a luz cai aos solavancos, restando mero brilho sobre a lama, o ator e sua carga). *Tudo me atormentava, sob a escuridão do dia.* (Luz em metade da plateia, de acordo com metade

dos oito refletores a ela destinados). *E vendo, eu pobre de mim, não via.* (Luz off numa metade, on na outra). *Vi os tempos defendidos.* (Sempre de cabeça baixa). (Luz off num lado, on no outro). *Eram de ontem e de sempre.* (Luz plateia off, começa tambor fúnebre, que cresce nas falas até 'sangrentas'; luz do ator mudará para vermelho vivo no mesmo ritmo; durante as falas, ele jogará na lama os dois manequins que carregava). *E em cada país havia um muro, de pedra e espanto. E, nesse muro, pousada uma pomba negra. Como pois interpretar o que os heróis não contam? Como vencer o oceano, se é livre a navegação, mas proibido fazer barcos? Pois deixa o mundo existir.* (Cai segundo manequim). *Irredutível ao canto, superior à poesia. Estamos todos presentes, felizes calados completos. Que a fortaleza me ataque. Quero morrer sufocado! Que o farol me denuncie! No rádio, e no interior das árvores, cabogramas, vitrolas e tiros. Repara: ermas de melodia e conceito (pausa) elas se refugiaram no noite (pausa) as palavras (longa pausa). Sob a pele das palavras há cifras e códigos! Perderam o sentido, apenas querem explodir. Futuras / verdades / ainda / sangrentas!*

## LUZ E SOM

Um tempo. Um tambor se esgota. Vermelho fica.

## ATOR

Silêncio (pausa; mais calmo) *O campo.* (Vermelho torna-se branco em resistência alta). *Refletores* (ele gira). *Passo entre mármore, aço cromado* (cabeça alta). *Subo uma escada* (cabeça baixa). *Curvo-me.* (Cabeça alta) *Penetro* (sem pausa no *black-out* total) *no interior da morte.*

## SOM

Oito segundos de Kirie, grandiloqüente. Silêncio, um tempo.

## ATOR

(No B.O.)

*Calo-me, espero, decifro.*

## SOM

Trombeta de caça, longe.

## ATOR

*Há soluções. Há bálsamos pra cada hora e dor.*

## SOM

Trombeta de caça.

## ATOR

*Há sobretudo o pranto no teatro, já tarde, já confuso... (Vai subindo Mahler montado com Chico Buarque, sem palavras). Recebe, com simplicidade, este presente do acaso.*

## SOM

Flauta-de-pã

## VOZ GRAVADA

*Ó acaso raro animal força de cavalo cabeça que ninguém viu ó acaso, vespa oculta nas vagas dobras da alva distração, inseto vencendo o silêncio como o camelo sobrevive à sede, ó acaso.*

## SOM

Continua soando até o fim a última nota da flauta-de-pã.

## LUZ

Simples, no ator, sentado de frente para a plateia.

## **ATOR**

(Para a plateia)

*Ouve a terra, as nuvens. Sinto que nós somos a noite, que palpítamos no escuro. Certas partes de nós como brilham. São unhas, anéis, pérolas, cigarros, lanternas, são partes mais íntimas. No céu livre, por vezes, um desenho. Canta a estrela maia, reza ao deus do milho, mergulha no sono anterior às artes. Nem palavras, nem códigos. Apenas montanhas e montanhas e montanhas, oceanos e oceanos e oceanos. Daqui a vinte anos farei teu poema. O tempo de saber que alguns erros caíram, a raiz da vida ficou mais forte, e os naufrágios não cortaram essa ligação subterrânea entre homem e coisas.*

## **SOM**

Rádio sobre lama começa a berrar texto em alemão.

## **LUZ**

Desce no ator, enquanto som cresce de volume, suavemente. Sobe na plateia, suavemente.

## **FIM DA QUINTA CENA**

## **E DO PRIMEIRO ATO**

(No intervalo grande, entre atos, manter luzes ofuscantes sobre a plateia.)

## **SEGUNDO ATO**

### **PRIMEIRA CENA**

#### **CENÁRIO E ATOR**

Mesa muito baixa (ex-laje) onde estão minuciosamente dispostos, sob tecido branco fino de algodão, os objetos: livros, pergaminho, pedra, romã, animal de presépio. Sob os objetos, tira longa de papel, faces branca e preta, gomada para ser facilmente transformada em 'curva de Moebius'. Salina penteada. No início, o ator está de pé, diante da mesa. Usa sunga feita de tira de pano (sem cortes ou costuras) ou quimono branco amplo, quase de *kabuki*. Máscara.

#### **AÇÃO**

Após terceiro sinal, pausa, três campanhas semelhantes às que são usadas para anunciar comunhão na Missa. A cena começa imediatamente.

#### **LUZ**

B.O. plateia, abre filtrada sobre ator, mas forte.

#### **SOM**

Até a deixa 'loucas estruturas', coro infantil e/ou Brahms.

#### **ATOR**

(Assim que abre a luz, senta-se de frente para a plateia, diante da mesa. Pausa. Com gesto para tirar máscara).

*Eu preparo uma canção* (tira máscara, coloca-a sobre tecido da mesa). *Menos que simples palavra*. (Dobra tecido envolvendo máscara. Há outro tecido cobrindo os outros objetos). *A partícula sonora que a vida contém, e a morte contém*. (Com profundo movimento para frente, coloca máscara embrulhada sobre o sal à frente da mesa) *Não*

*é nem isto, nem nada. Toda história é remorso (ergue e dobra tecido, de sua esquerda para a direita, revelando o rolo de pergaminho). O olhar desviado e terno. (Revela o livro, dobrando mais o tecido). Se de nosso nada possuímos. (Coloca uma mão sobre a outra, as duas sobre o livro) Onde não há jardim, as flores nascem de um secreto investimento (voltam as mãos) em formas improváveis. (Revela romã) A espuma fervendo fria, imóvel dentro do verso. (Revela pedra) Valvas, curvos pensamentos, matizes da luz azul, completa, sobre formas constituídas. (Revela bicho de presépio) Tecendo fios de nada, moldando potes de pura água, loucas estruturas. (Silêncio. Pausa. O ator tem, diante de si, sobre a tira de papel na mesa, rolo de pergaminho, livro, romã, pedra, bicho de presépio, mais tecido dobrado. No chão, a seu lado, atrás da mesa, tem lenços sem bainha do mesmo tecido, que usará na seqüência seguinte.)*

## SOM

Para a segunda seqüência, até a palavra 'remorso', passos e monótona voz de guia, nos longos ecos de uma visita a museu. O guia descreve obras como 'corpo humano', 'escova de dentes', 'livro' etc. Praticamente inaudível. Este som só começa após a palavra 'países', a seguir.

## ATOR

*Caminho por uma rua que passa em muitos países. (Abre som). (Desdobra lenço à frente do rosto) E no mais fundo, decifro o choro pânico do mundo, que se entrelaça no meu próprio choro. (Embrulha livro, que coloca ao lado da máscara, continuando) Nem houve testemunhas. Não há nunca testemunhas. Há desatentos. Curiosos, muitos. Como saber que foi nossa aventura, e não outra, que nos legaram? Há que amar e calar. (Desdobra o lenço à frente do rosto) Pois que aprouve ao dia findar, aceito a noite. (Embrulha bicho de presépio, coloca no chão, continuando) E nem destaque minha pele da confluyente escuridão. Negro jardim onde violas soam, e o mal da vida em ecos se dispersa. (Desdobra lenço à frente do rosto) Jardim apenas, pétalas, presságio. (Embrulha rolo de pergaminho, deposita, continuando) E o perigo de cada objeto em circulação na terra. Que trocar é nosso fraco e lucrar é nosso forte. (Desdobra lenço, continuando) O agudo olfato, o agudo olhar, a mão, livre de encantos, se estroem no sonho da existência. (Embrulha romã, deposita, continuando) E tudo voltará a nada,*

*calma de flores abrindo. (Desdobra lenço à frente do rosto, continuando) Nada é de natureza assim tão casta...(Embrulha pedra, deposita, continuando) Que não macule ou perca sua essência...(Volta braços, mãos ocultas atrás da mesa, continuando) Ao contato furioso da existência.(Pausa. Fecha os olhos). Há que renunciar a toda procura. (Baixa cabeça, luz cai um pouquinho, indo para close) Toda história é remorso.*

## SOM E LUZ

Som *off*. Pausa. Ator olhando para o papel à sua frente. Vai entrando som de marulho, suave, enquanto baixa a luz no ator e sobe sobre os seis objetos embrulhados sobre o sal do chão. No escuro relativo, o ator se ergue, dá volta à laje, ajoelha-se diante dos seis embrulhos, três à sua direita, três à sua esquerda. Estende a mão para o que está mais próximo de sua mão direita, a mão entra no foco. Para esta sequencia, só mãos assim visíveis, marulho, talvez grilos, silêncios longos.

## ATOR

(Ao tocar o embrulho)

*Eu distribuo um segredo. (Com a mão esquerda, deixa cair sal sobre o embrulho, o mais possível enterrando-o. Continuando) Não é flauta, não é canto de amoroso desencanto. Não é silvo de serpentes esquecidas de morder como abstratas ao luar. (Duas mãos fora da luz, pequena pausa, toca primeiro embrulho à sua esquerda, com a mão esquerda, e repete o depositar de sal, usando a mão direita, durante) Eu distribuo um segredo. (Jogando sal) É mal de enigmas não se decifram a si próprios. Chamar-te visão seria malconhecer as visões de que é cheio o mundo / e vazio. (Mesma ação, repetida para cada embrulho, alternadamente à direita e à esquerda, nas quatro falas seguintes)*

*Quem reconhece o drama, quando se precipita, sem máscara? Ai! De que serve a inteligência. Mistério é o tempo, inigualável. Todos vêm cedo, todos chegam fora do tempo, antes, depois. E calcamos em nós, sob o profundo instinto de existir, outra mas pura vontade, de anular a criatura. Toda história é remorso. Não se morre uma só vez, nem de vez. Onde vivemos é água. Dor do espaço e do caos e das esferas, do tempo que há de vir, das velhas eras! Uma fogueira a arder no dia findo.*

## LUZ E SOM

Durante as seis falas em que 'enterrou' os objetos, estes foram perdendo sua iluminação. Ao extinguir-se a última, na deixa 'dia findo', abre-se suave luz no rosto do ator, olhando para o zênite. Em 'segredo', entra som, música religiosa muito suave (gregoriano?).

## ATOR

*Eu distribuo um segredo (pausa, entra voz em gravação, com música de fundo).*

## VOZ GRAVADA

(todas as caixas)

*O que procuraste, em ti ou fora de teu ser restrito, e nunca se mostrou, mesmo afetando dar-se ou se rendendo, e, a cada instante, mais se retraindo, olha, repara, ausculta: essa riqueza sobrando a toda pérola, essa ciência sublime e formidável – mas hermética –, essa total explicação da vida, esse nexo primeiro e singular, que nem concebes mais, pois tão esquivo se revelou, ante a pesquisa ardente em que te consumiste.... Vê, contempla, abre teu peito para agasalha-lo.*

## SOM E LUZ

Som permanece até que luz se extinga sobre ator, na mesma posição, mãos caídas ao longo do corpo. No escuro, ele volta lentamente à posição atrás da laje. Música para o resto da cena: loop repetitivo com frases de modinha mineira, sem as palavras ou à capela.

## ATOR

(Tomando o papel que está sobre a mesa, pelas pontas, e aproximando-o do nível horizontal do olhar; a plateia vê que o verso do papel é preto)

*Bela, a passagem do corpo, sua fusão no corpo geral do mundo. E a memória dos desuses, e o solene sentimento de morte, que floresce no caule da existência mais gloriosa, (virando a tira de papel) me conta por que mistério o amor se banha na morte. (Dá meia torcida na tira, de modo que tanto ele quanto a plateia vêem metade branca,*

metade negra) *Que pode uma criatura, senão, entre criaturas, amar? Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa amar a água implícita, e o beijo tácito e a sede, infinita* (une pontas da tira, forma Moebius, ainda à frente de seus olhos). *Este o nosso destino: amar depois de perder.* (Baixando Moebius, lentamente. O anel ficará sobre a laje, e será a única coisa iluminada – radiosa – no final da cena). *Enquanto vagueio pelas cinzas do mundo. Com inúteis pés fixados, enquanto sofro. E sofrendo me solto e me recomponho. E torno a viver e ando. Está inerte, cravada no centro da estrela invisível. Amor.*

## LUZ E SOM

Som sobe, repetindo sempre. Luz reduz-se a foco fortíssimo sobre o anel.

## ATOR

*Minha vida, nossas vidas, formam um só diamante.* (Pausa)

(Luz *off* no palco, on na plateia. Som *off*)

## FIM DA PRIMEIRA CENA DO SEGUNDO ATO

## SEGUNDA CENA

### CENÁRIO E ATOR

Os adereços desta cena estão espalhados por todo o espaço da cena, mas é indispensável que sejam iluminados com focos fechados, que apenas relevem a eles. No caso da ossada de cabeça de boi, um dos objetos, é preciso que esteja sobre areia, talvez até ligeiramente já coberta. Outros objetos: cito partes de corpo humano, de bronze, em posições que nem sempre obedecem à orientação natural horizontal/vertical; um vestido de renda azul, suspenso no ar; a curva de Moebius, maior e totalmente branca, também levitando; mala fechada; relógio parado, talvez também meio enterrado; livro aberto.

## **ATOR COMPLETAMENTE NU**

(se possível).

Passa toda a cena de cócoras, sob degraus de escada em espiral que se perde nas bambolinas. É pouco visto. Move-se ligeiramente no final, conforme indicado.

## **AÇÃO**

B.O.na plateia, b-o total. Cavalo se distancia. Sinos toque lento. Silêncio.

## **LUZ E SOM**

Na fala de 'é agora' a 'do pão', luz vai subindo numa parte do corpo de bronze, descendo noutra, sempre num movimento de fade-in/fade-out. Última luz no Moebius. Vento nítido.

## **ATOR**

(De seu canto, no escuro)

*É agora. O altar está brunido e as alfaias cada uma tem seu brilho, e cada brilho seu destino. Uma formiga escreve, contra o vento, a notícia dos erros cometidos. A divagar, por entre símbolos de símbolos outros, primeiros, e tão acessíveis aos pobres como a breve casca do pão.*

## **SOM E LUZ**

Vento torna-se a modinha mineira do loop, que rapidamente se transforma em flauta triste. Esta flauta dura até 'todo movimento', aí baixa junto à luz, conforme indicado.

## **ATOR**

*Que restava das línguas, infinitas, que falávamos? (Luz off no Moebius, sem resistência, sobe o livro). Feridas latejando sem os corpos, deslembrados de tudo na corrente? Que restava de nós, neste jardim ou nos arquivos, que restava de nós, mas que restava, que restava? (Luz, que deverá ter subido e oscilado no livro, vai baixando, em pequenos arrancos, com a flauta). É como o fim de todo movimento. Um apagar de rastros, um*

*sossego. (B-o, luz começa a subir no ator). Para além da matéria esparsa em números (olha a plateia por entre dois degraus) este torrão de sal, que está chorando.*

## LUZ E SOM

Luz *off* nele, on na área da cabeça de boi, com sombras de folhas balançando. Som: botas fortes. Luz e som sem variação durante a próxima fala, a não ser a indicada.

## ATOR

*E restam poucos encantamentos válidos. Talvez um só, e grave: tua ausência; e a ânsia de acabar (luz desce rápida no boi, sobe rápida no relógio) que não espera o termo veludoso das ruínas. (Luz off relógio, on na mala)*

## LUZ E SOM

*Off na mala, on de uma vez em um braço. Som: hesitando, afinação de clarineta.*

## ATOR

*Nos vagos pesadelos (luz off um braço, on em outro), nos sombrios dejetos (luz off braço, on nos dois) em que nossos projetos (luz off braços, on cabeça) se estratificaram (luz off cabeça, on dois braços e cabeça) o espaço procura fixar-se (luz on também numa das pernas). Clara suspeita de luz, no céu sem pássaros (luz off nas partes do corpo, on no Moebius). Como um grito na pele da noite, um lamento de bicho.*

## LUZ E SOM

Luz baixa lentamente no Moebius, pegará de uma vez o vestido, conforme indicado. Valsa em realejo, de 'parado' a 'sem vida'.

## ATOR

*E já não brinco a luz. Começo a ver, no escuro, um novo tom de escuro. O meu amor é tudo que, morrendo, (menos luz no Moebius, sensivelmente) não morre todo, e fica no ar (luz Moebius off, volta numa piscadela) parado. (No escuro) Camabel, camabel,*

o vale ecoa. (Luz no vestido, girando) *Uma outra forma se insinua por entre as rochas lisas e um mugido.* (Tudo em B.O., só vestido girando). *Fareja outra vida não já repetida em doido horizonte?* (Som mais forte). *Campeia outra forma de existir, sem vida?* (Som off, vestido ainda gira, pausa do ator). *Era um desejo obscuro de modelar o vento, além da pobre área de luz de nossa geometria.*

## LUZ E SOM

Luz off vestido, on no livro aberto. Durante a fala seguinte, até 'alçapões', livro sempre iluminado, com refletores de ângulos diferentes, um por vez. Silêncio até 'vazio'.

## ATOR

*Nesta curva barroca nos perdemos* (outro ângulo de luz no livro) *à sua luz se consumam as bodas do vivo com o que já viveu* (outro ângulo) *ou vai viver. Aquilo que revelo, e o mais, que segue oculto em vítreos alçapões* (B.O. total). *E essa nudez, enfim, além dos corpos, a modelar campinas no vazio.*

## LUZ E SOM

Luz firme em todas as partes do corpo. Durante a última fala, luz desce nas partes do corpo, sobe nele, lentamente. Quando ele se torna visível, está começando a subir escada. Som: Mozart, sonata.

## ATOR

*Uniste o raro ao raro, e compuseste um ardiloso espelho. O caprichoso esquema unia formas vivas, entre ramas, entre quatro tabiques de comércio. Onde galopam sombras, e memórias, traços de morte e vida e amor e barro. Coxa, fúria, cabala. E os vagos dons do universo, tecidos de pavor e argila cândida. Corpo, corpo, corpo* (ele já se vê, subindo) *verdade tão final, sede tão vária, que uma perda se forma, desses ganhos.* (Pára) *Seria remorso, por me consagrar ao espetáculo, quando já o sabia morto?* (Retoma a subida) *Não, que o espetáculo é grande, e seduzia para além da ordem moral.* (Exatamente na palavra 'moral', som e luz off, luz da plateira entra de uma vez.)

## FIM DA SEGUNDA CENA DO SEGUNDO ATO

### TERCEIRA CENA

#### CENÁRIO E ATOR

O cenário é apenas a utilização luminosa de objetos (citados), áreas de cenas anteriores ou novas. O ator está fora de cena, absolutamente invisível, a não ser que seja possível colocá-lo flutuando acima de toda área de representação. Neste caso, estaria de pé olhando para baixo, vestido com guarda-pó branco, ele próprio muito branco.

#### AÇÃO

Luz plateia *off*. Cuco, estilhaços de vidro, luz focalizada sobre uma compoteira de vidro, azul, quebrada, mas remontada à moda dos museus arqueológicos. Outro cuco, idem, compoteira vermelha, ao lado das duas primeiras.

(Pausa)

Ferraduras. Três compoteiras *off*: uma, duas, três.

(Pausa)

Ocarina, desafinada. Luz roxa sobre tecido branco (almofada). Ocarina funde para 'Libera-me' fúnebre. Luz vai de roxo a branco, durante

#### ATOR

Os assassinos vem de longe. Sangue seco nos dedos, olhar duro. Na roupa, o crime, escrito. Estavam destinados a matar. Mamaram leite turvo. (Pausa curta) Pela rua-teatro, lentamente, a alma dos pobres se vai, sem música.

## AÇÃO

Silêncio. Luz branca *off*, provocando: cão latindo, sobe, sobe, aumenta de intensidade, luz no cobertor vermelho. Pausa. Um último uivo de cão, quase lobo. Pausa. Arfar muito sexual, cama range, rápido paroxismo, *off*. Luz *off* no cobertor, on na curva de Moebius, agora desdobrada em rosácea tridimensional. A luz no Moebius provoca. Relógio, suave, fundindo para água durante:

## ATOR

*Águas de duas fontes entrançadas: uma aquece, outra esfria. Surdo anseio. A forma irrevelada que buscamos quando, antes de amar, confusamente amamos.*

## AÇÃO

Imediatamente após 'amamos' luz *off* no 'Moebius/rosácea', som água *off*, mas passando sem pausa para botas, mais ferraduras, mais violenta música-de-quadrilha. Ao chegarmos à música de quadrilha, e seus comandos em 'frances', luz começa a subir em renda-de-bilro, coisa muito feminina, música vai 'sendo seduzida' para viola-d'amore, luz muito suave na renda, dourando-a apenas, e o texto do ator não pode ter mais peso que esta suavidade, embora em crescendo durante:

## ATOR

*Só não conseguiu a esquiva dama. O resto, vai consigo. A tarde curva deixa passar o último vestígio de pompa equestre (longa pausa, uma suspeita de cascos sobre pedras, continua) Vai... (outro tom) Baixam as moças nas janelas a face pensativa, esse não volta mais – adivinharam. (Frágeis focos insinuam os membros dispersos em bronze; sinos). E se continua vivo. E, mais que vivo, não sei como, não sei quem?*

## AÇÃO

A viola d'amore fundiu-se para sinos, que soam sozinhos e muito espacejados ao terminar a fala anterior. Os sinos continuam e com eles baixa e extingue-se a luz definindo a renda, insinuando as partes humanas em bronze. Sino ainda, na completa

escuridão, mas sucedida por silêncio. De repente: som ataca violento 'No salão grená', voz de Carlos Galhardo, luz sobre as pequenas lâmpadas do 'espelho' da terceira cena do primeiro ato, mas estas estão apagadas. Disco arranha, repetição, fica repetindo, mas em volume mais baixo para entrar a fala do ator:

## ATOR

(Lógico, demonstrativo, didático, sem sussurro)

*Certas palavras não podem ser ditas em qualquer lugar e hora qualquer. Estritamente reservadas para companheiros de confiança, devem ser pronunciadas em tom muito especial (luz rápida mostra poleiro da primeira cena, nu, parado) lá onde a polícia dos adultos não adivinha nem alcança. (Som sobe, força ator a elevar muito o tom de voz) E tudo é proibido. Então, falamos (alto) quero conhecer a puta. A puta da cidade. A única. A fornecedora.*

## AÇÃO

Em 'fornecedora' acendem-se luzes do 'espelho', cai luz que as iluminava, entre clarinete rasgado de boate. Porta bate, violentamente, com som e luz *off*.

## ATOR

(Em B.O.)

*De noite, à luz de candeeiro, (luz vai subindo no 'poleiro' da 1ª cena, 1º ato) o rosto do ator imerge de repente, na penumbra, e uma pungência maior entre cangalhas ressumbra. (Luz *off* poleiro, on rosto de bronze, solto no ar; som de palmas batidas à porta de alguém). Metade luz, e metade mistério, a peça caminha. Estranha.*

## AÇÃO

Rosto iluminado (de bronze, a 2ª cena, 2º ato) Canto de procissão.

## ATOR

*No centro de uma praça? Ou de uma arena?/de teatro? Senado? Consultório metafísico?*

## AÇÃO

Luz *off* rosto, simultânea nas três compoteiras. Som, ao mesmo tempo, *off*. Entram secas batidas no chão, marcando fala:

## ATOR

*Bem no centro do mundo.*

*Bem no centro.*

*Ou nessa plataforma espacial.*

*Quedamos longe*

*(off luz de compoteira azul).*

*De vossa curiosidade*

*(off luz compoteira verde).*

*E até de nossa mesma nostalgia dos espelhos (off luz compoteira vermelha; off som. Luz na plateia, aberta nos oito refletores). Ninguém chora, nem grita. A luz total de nossas mortes faz um espetáculo. (Ataca, violento, tema musical de novela de televisão em voga). O som se extingue como quando falta energia elétrica.*

## FIM DA TERCEIRA CENA DO SEGUNDO ATO

## QUARTA CENA

### CENÁRIO E ATOR

O ator estará absolutamente invisível, ainda que tenha sido conseguida a levitação da cena anterior. Mas sua voz de dentro do palco, e não é gravação.

Durante essa cena, por etapas, os maquinistas do teatro desmontam e/ou arrumam o cenário. Compartimento por compartimento, conforme indicado. São dez textos, nove 'momentos' desta arrumação. Só as áreas que estão sendo desmontadas e/ou arrumadas é que recebem iluminação. Dois maquinistas devem ser suficientes, um é indispensável. Devidamente ensaiado, mas ensaiado enquanto maquinista, para fazer corretamente uma tarefa mecânica. A cada vez que iniciam desmonte de uma área, ou conjunto de objetos, é que o ator se sente provocado a dizer os textos, muito rapidamente, para dar a coisa por encerrada. A divisão da cena em partes não significa pausas ou interrupções. Os textos seguem o movimento dos operários, sem solução de continuidade forçada. Caso necessidades práticas o exijam, a ordem dos textos pode ser mudada, desde que seja preservado o 'finale', pelo menos.

### PRIMEIRA PARTE

Luz plateia *off*, on na área dos 'espelhos' (3ª cena, 1º ato). Maquinistas estão lá, já arrumando. Indiferentes à luz. Som para esta parte: menino chorando e/ou Pixinguinha. Luz de cena, s/refletor.

### ATOR

*Quando lhe falta o demônio, e Deus não o socorre; quando o homem é apenas homem por si mesmo limitado, em si mesmo refletido: e flutua vazio de julgamento no espaço sem raízes; e perde o eco de seu passado, a companhia de seu presente, a semente de seu futuro; quando está propriamente nu; e o jogo, feito até a última cartada da última jogada; quando... quando... (não acha palavra).*

## SEGUNDA PARTE

Operários chegam à área do Moebius (1ª cena do 2º ato) Sem interrupção, a luz os segue para lá. Música para esta parte: gravação do guia de museu e/ou *Feuilles Mortes*. Nenhum refletor.

### ATOR

*O único assunto é Deus, o único problema é Deus, o único enigma é Deus, o único possível é Deus, o único impossível é Deus, o único absurdo é Deus, o único culpado é Deus, o resto é alucinação. (Tom) Ai, que não podemos contra vossos poderes guerrear. Ai, que não ousamos contra vossos mistérios debater. AI, que de todo não sentimos contra vosso pecado o fecundo temor da religião. (Tom) Não chegou. Digo que não. Tudo foram ensaios, testes, ilustrações. (Longa pausa. Dentro dela, os operários já chegam à sua próxima área). A verdadeira vida sorria longe, indecifrável.*

## TERCEIRA PARTE

Operários desmontam os membros dispersos da 2ª cena do 2º ato. Som utilizável: flauta, Händel.

### ATOR

*Abre em nome da lei. Abre sem nome e lei. Abre mesmo sem rei. Abre, sozinho ou grei. Não, não abras: à força de intimar-te, repara: eu já te desventrei. (Tom) Pode-se admitir nos dias que vivemos paquerar sem carro? (Tom) Eram mil a sentir que a vida refugia do ato de viver. E agora, circulava sobre toda ruína. (Tom) E tudo que pensei, e tudo que eu falei, e tudo que me contaram, era papel. (Pausa. Tom) A própria dor é uma felicidade.*

## QUARTA PARTE

Operários chegam à área 'carnaval' (2ª cena 1º ato).  
Som utilizável: tango e/ou frevo.

## ATOR

*Por que Deus se diverte castigando? Por que degrada o amor sem destruí-lo? Deus é espinho. E está fincado no ponto mais suave deste amor. Amor é compromisso com algo mais terrível do que amor? Amor é o que se aprende no limite, depois de se arquivar toda a ciência, herdada, ouvida. Amor começa tarde.*

## QUINTA PARTE

Operários chegam à área da lama (5ª cena 1º ato). Música usável: La Paloma ou Deutschland Ueber Alles, ou pesquisa da música da 5ª cena do 1º ato.

## ATOR

*Agora sabes que a fazenda é mais vetusta que a raiz. Se uma estrutura se desvenda, vem depois do depois, mais.*

## SEXTA PARTE

Operários chegam à área do 'circo/camarim' (4ª cena 1º ato). Música utilizável: circo ou ópera em disco de 78 rpm.

## ATOR

*Esta paisagem? Não existe. Existe espaço vacante, a semear de paisagem retrospectiva. (Lâmpadas do 'espelho' se acendem até 'companheiros'). Peço desculpa de ser o sobrevivente. Não por longo tempo, é claro. Se é triste/cômico ficar sentado na plateia quando o espetáculo acabou, e fecha-se o teatro, mais triste/grotesco é permanecer no palco, ator único, sem papel, quando o público já virou as costas, e somente baratas circulam no farelo. Reparem: não tenho culpa. Não fiz nada para ser sobrevivente. Não roguei aos altos poderes que me conservassem tanto tempo. Não matei nenhum dos companheiros (aqui, luz obrigatória, vinda da tela de TV). Eis-me prostrado a vossos peses, que sendo tantos todo plural é pouco. Deglutindo gratamente vossas fezes, vai-se tornando são quem era louco.*

## SÉTIMA PARTE

Em 'louco', operários deixam a área anterior, luz TV *off*. Luz, naturalmente, na área onde chegam os operários, o 'poleiro' (1ª cena, 1º ato). Música utilizável: realejo ou canto de galo, ou ambos.

### ATOR

*O mundo vai acabar pela mão dos homens? A vida renega a vida? Não restará ninguém para pregar o último rabo de papel na túnica do rei? Ninguém, para recordar que houve pelas estradas um errante poeta desengonçado?*

## OITAVA PARTE

Operários na área das compoteiras (3ª cena 2º ato) Música utilizável: palmas infantis à porta e/ou 'Saudades do Matão'.

### ATOR

*Tão mesquinha, tua lembrança, fichada nos arquivos da saudade! Vejo-te livre, respirando a fina luz do dia universal. (Breve luz de refletor no 'Moebius-rosácea'. Pausa e novo tom do ator) Mas era apenas isso, era isso, mais nada? Era só a batida numa porta fechada?*

## NONA PARTE

*Black-out total. Luz sem operários no livro da 2ª cena do 2º ato. Close-up do livro. Som utilizável: de TV.*

### ATOR

*Valeu a pena? Valeu a pena gritar em várias línguas e conferências e entrevistas e países que a civilização às vezes é assassina?*

## DÉCIMA PARTE

Com luz subindo na plateia, lentamente, mas já é a luz final que ela terá ao sair. Som utilizável: *La violetera* cantada por empregada doméstica.

## ATOR

(A subida da luz é muito lenta, a não ser na palavra 'desintegrado', quando ela dá uma subida rápida até o máximo, acompanhada por volume maior da música, para fornecer o final).

*A circulação do poema sem poeta. Forma autônoma de toda circunstância, magia em si, prima letra escrita no ar, som intermédio, faiscando, na ausência definitiva do corpo desintegrado.*

A plateia está com sua luz habitual.

B.O. no palco.

Silêncio, desligam-se as caixas de som.

Não há 'agradecimento' e a plateia só deve escutar seu próprio ruído ao sair.

## FIM DA QUARTA E ÚLTIMA CENA DO SEGUNDO ATO

*Marco Antônio de Menezes  
São Paulo, 26/06/77*